

ADOTIVA LIBERATO VALENTIM E A EXPERIÊNCIA DAS POPULAÇÕES DE ORIGEM AFRICANA EM FLORIANÓPOLIS: UMA PROPOSTA DE PESQUISA.

Adriana May de Aguiar¹

Resumo: Este projeto visa conhecer a história do município de Florianópolis (SC) a partir das experiências da professora Adotiva Liberato Valentim, que atualmente nomeia uma Escola Municipal. Esperamos também demonstrar de quais maneiras, no período estabelecido a docência se torna possibilidade de mobilidade social para as populações de origem africana. Como professora de História e Geografia desde 1997, efetiva de História nos anos finais do Ensino Fundamental na rede municipal de ensino desde 2006, vislumbro esta pesquisa auxiliando na aplicação da Lei 10.639/2003. Como intervenção escolar pretendemos criar uma exposição histórica e de memória que contribua na implementação da política de diversidade étnico-racial da escola. Para alcançar este intento usaremos categorias como memória e história oral, pois além de possíveis documentos escritos e imagens, será necessário fazer uso de entrevistas com ex-alunos, funcionários da escola na época e familiares, para revisitar a cidade a partir da história de uma professora de origem africana.

Palavras-chave: História Local. Memória. Ensino de História Afro-brasileira.

Este texto pretende revisitar a cidade de Florianópolis – SC, durante a metade do século XX, a partir da história de uma professora de origem africana², que nomeia uma escola no bairro Costeira do Pirajubaé, Escola Básica Municipal Adotiva Liberato Valentim. A história da professora Adotiva Liberato Valentim será escrita a partir de relatos de pessoas que conviveram com a professora no espaço escolar (ex-alunos, colegas de trabalho) e na família (filhas, neta, irmão) e através de alguns documentos que os entrevistados tenham dela e da escola que revelam a escolha de seu nome para a instituição na atualidade.

¹ Mestranda no Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História – UDESC. Professora de História na Rede Municipal de Ensino de Florianópolis. E-mail: adriana.may.aguiar@gmail.com

² A opção por utilizar o termo “professora de origem africana”, é por considerá-lo mais abrangente no que se refere a uma população descendente de africanos escravizados no Brasil Colonial e que até a atualidade vivenciam uma luta iniciada no passado em torno da igualdade racial, na qual eu como descendente de africanos e professora de história estou inserida.

A partir da reflexão em torno da trajetória da professora Adotiva Liberato Valentim, pretendemos revisitar as experiências destas profissionais na cidade, colaborando assim, com a visibilidade destas populações. Além disso, esperamos demonstrar como o trabalho docente, de uma pessoa comum, moradora na região sul da Ilha de Florianópolis a inclui em uma realidade diversa, que proporciona a ela, seus familiares e seus alunos uma vida com perspectivas de mobilidade social e respeito na comunidade. Promover um despertar sobre as vivências de uma pessoa, que através de sua atuação como professora, é valorizada pela família e comunidade.

O período delimitado para a pesquisa (1931 -1986) corresponde a vivência desta professora, um momento em que as populações de origem africana vislumbram na prática docente uma alternativa de inserção social e dignidade de sobrevivência. São exemplos da luta docente no Estado de Santa Catarina as professoras de origem africana: Antonieta de Barros, Leonor de Barros, Clotildes Lalau, Maria da Costa Lourdes Gonzaga (Dona Uda), Inésia Rodrigues Alosilla, Altair Lucio Felipe, Maria Terezinha Pinheiro da Silva, entre outras.

Os trabalhos de Nilma Lino Gomes (1994); e Guacira Lopes Louro (2000), permitem concluir que o espaço escolar se apresenta como território que escapa ao lugar social e historicamente atribuído as mulheres negras, representando seu esforço em superar processos discriminatórios dentro e fora da escola.

Próximo de nossa proposta, estão várias pesquisas realizadas como Cristiane Santiago Crispim (2001), que recuperou diferentes aspectos de experiências de mulheres normalistas em Criciúma e suas perspectivas de ascensão social vinculadas ao exercício do magistério. A autora discute a presença dos afrodescendentes na cidade, utiliza o método da História Oral comentando as especificidades que se consegue atingir com esta metodologia, no caso, a influência da exploração do carvão em Criciúma, desde a Primeira Guerra Mundial e como esta atividade gerou desigualdades entre as famílias dos trabalhadores das minas e os proprietários das empresas carboníferas.

Dialogamos também com Juliana de Souza Krauss (2012) que estudou a trajetória de Clotildes Lalau, educadora que se empenhou em proporcionar oportunidades de estudo para as populações de origem africana, militante antirracista na cidade de Criciúma. É importante

destacar que, diferente de Clotildes Lalau, Adotiva Liberato Valentim não é atuante nos movimentos antirracistas, fazendo nossa investigação tomar um caminho distinto.

A pesquisa em andamento de Maria Aparecida Clemêncio (2013) que se propõe a compreender o processo de escolarização de mulheres afrodescendentes no estado de Santa Catarina, com foco na superação do racismo institucional e na construção de estratégias de vencer os obstáculos impostos através da atividade docente, na segunda metade do século XX. Esta análise vem de encontro a nossa ideia de investigação, já que nos propomos a pensar na trajetória de Adotiva Liberato Valentim, superando as dificuldades cotidianas através da docência.

Paralelo a nossa foco de análise, o trabalho de Maria Isabel Pinheiro Silva (2000), ao estudar as entidades de combate ao racismo em Florianópolis na década de 1980, observa uma sociedade construída sobre o manto de preconceitos e estereótipos. Demonstra na sua pesquisa que em nossa cidade houveram diversas estratégias de se contrapor a desigualdade racial vigentes, através de entidades como o Grupo União e Consciência Negra, o Projeto Semana Afro-Catarinense e o Grupo de Mulheres Negras Nós, que estabelecem objetivos e estratégias para resgatar a cultura e construir uma personalidade coletiva para cada uma destas associações.

Refletindo a proposta do Programa de Mestrado em Ensino de História – ProfHistória – UDESC, não poderia abrir mão de citar alguns dos trabalhos defendidos pela turma anterior – a primeira deste programa - que demonstram inquietude diante das práticas docentes eurocêntricas. A pesquisa de Carina Santiago dos Santos (2016), autora com experiência na Educação de Jovens e Adultos (EJA) da Prefeitura Municipal de Florianópolis (PMF), realiza uma discussão com entrevistas acerca da escassez de pesquisa dos alunos relacionados à História e cultura africana e afro-brasileira. Carina Santiago dos Santos percebe que mesmo a proposta de ensino da EJA na PMF sendo diferenciada, ocorre escassez de pesquisa dos alunos relacionados à História e cultura africana e afro-brasileira. Desta forma encontra relevância em sua pesquisa e encaminha suas leituras a autores que direcionam um olhar não eurocêntrico aos africanos e seus descendentes.

Karla Andrezza Vieira Vargas (2016), através dos depoimentos de moradores dá voz a sujeitos e os coloca como protagonistas de uma história impressa em livro paradidático. Narrando a partir da ótica de jovens, adultos, idosos, homens, mulheres, descendentes de africanos e

moradores de uma área de vulnerabilidade social da capital do Estado de Santa Catarina, Karla Vargas contribui com sua produção para superar o ensino eurocêntrico.

Bruno Ziliotto (2016), busca trazer ao debate no espaço escolar, através das aulas de história vários temas, entre eles: o eurocentrismo, as diferentes historiografias africanas, a pauta anti racista, os privilégios que a pertença racial branca traz; produzindo um site educativo para uso nas escolas.

Estas e outras pesquisas servirão de estímulo e base de apoio na investigação. A partir da história de Adotiva Liberato Valentim, apresentamos subsídios para a prática de um ensino a partir das relações étnico-raciais. Assim, como intervenção escolar, nossa proposta é produzir uma exposição histórica como reflexão sobre a mobilidade social das populações de origem africana em Florianópolis. Nela apresentaremos os resultados da pesquisa, atividades que colaborem com a alfabetização histórica dos pequenos, já que a Unidade Educativa atende aos anos iniciais do Ensino Fundamental. A partir desta ação, que a pesquisa sirva ao Projeto Político-Pedagógico atual da escola, permitindo ser uma alternativa de implementar a Matriz Curricular Para Educação das Relações Étnico-Raciais na Educação Básica.

No que diz respeito a alfabetização histórica remeto-me a Eliane Aparecida Candoti. A autora realiza uma reflexão em torno do ensino de história nos anos iniciais através da atividade narrativa sobre contextos locais, buscando desta maneira tornar a aprendizagem significativa. Para tanto, se utiliza de autores como:

Katia Abud, Circe Bittencourt, Marcos Silva e Selva Guimarães Fonseca(...) Os autores destacam que o conhecimento histórico deve estar relacionado com a realidade da comunidade escolar, de modo que as vivências locais sejam contextualizadas, além de abranger saberes e configurações identitárias excluídos até então. De acordo com os mesmos trata-se de agregar significado à proposta curricular possibilitando por meio dela uma leitura do meio em que os alunos se inserem, bem como a compreensão e valorização das diversidades que o caracterizam. (CANDOTI, 2013)

Assim, sua proposta dialoga com nossa intenção, pois ao incentivar os alunos a conhecer as memórias que funcionários da escola e moradores do bairro possuem sobre Adotiva Liberato Valentim conhecerão a história de nosso município. A autora discute, além da História Local a necessidade de os alunos repensarem o passado construindo novas narrativas a partir dos relatos orais, que pessoas da comunidade escolar ou do entorno da escola possuem sobre o seu local de

vivência. Bem como, seguir este caminho diverso para ser mais abrangente, ouvindo às diferentes vozes, conhecendo e assim respeitando a diversidade da sociedade brasileira.

Não podendo esquecer a contribuição dos pensadores do Ensino de História que nos influenciaram a definir este tema de pesquisa, bem como sua relevância no espaço escolar, neste sentido, Alberto Rosa, comenta “ a história, assim como a memória, não reconstrói o passado, mas o reinventa, o imagina. (...)” (ROSA, 2007). Ao tratar da trajetória de Adotiva Liberato Valentim, esperamos que os alunos, ao imaginar nossa cidade na década de 50, a imagine de maneira diferente, com as populações africanas em espaços sociais diversos, na produção efetiva e positiva da história de Florianópolis.

Ou ainda repensar o espaço escolar para além do aprender o que foi produzido até então, mas que a escola se torne efetivamente um local de construção de conhecimento, de saberes, e que a disciplina de história consiga colocar esta construção em prática. “[...] talvez a única função do ensino da história não seja transmitir racionalizações e identidades que começam a perder sentido, mas, sim estar atento e até servir de laboratório para a confecção das novas formas” (ROSA, 2007). Em certa medida nossa proposta de montar uma exposição histórica segue a premissa acima, um espaço de reflexões, aprendizagens, criação de novas maneiras de pensar a história.

No que tange ao saber Selva Guimarães Fonseca fala: “[...] ensinar é pensar no aluno, partilhar saberes, formar maneiras de ver e compreender o mundo [...]” (FONSECA, 2003). Ensinar não está limitado ao ministrar uma aula como se os alunos não tivessem conhecimentos a contribuir, os alunos, como sujeitos sociais, estão envolvidos por uma gama ampla de saberes, que devem ser compartilhados com os colegas e transformados em um vivenciar o espaço da escola e fora dela de maneira igualitária, valorativa com seus colegas e sua comunidade em geral. Vislumbrar o mundo de diferentes maneiras é uma habilidade a ser treinada também na escola.

Para alcançar estes intentos usaremos categorias como memória e história oral, pois além de possíveis documentos escritos, pensamos ser necessário fazer uso de entrevistas com ex-alunos, funcionários da escola na época e familiares, para vislumbrar a cidade a partir da história de uma professora de origem africana.

Conhecer a história da cidade a partir da vida de uma professora de origem africana, visualizar o cotidiano a partir dos indivíduos, suas rotinas, seus hábitos diários, seus valores, suas prioridades, suas relações familiares, de vizinhança, segue o mesmo caminho da proposta de Jacques Revel:

Pois a escolha do individual não é vista aqui como contraditória à do social: ela deve tornar possível uma abordagem diferente deste, ao acompanhar o fio de um destino particular – de um homem, de um grupo de homens – e, com ele a multiplicidade dos espaços e dos tempos, a medida das relações na qual ele se inscreve (REVEL, 1998).

Assim, fazer uso da trajetória individual como possibilidade de conhecer o coletivo social. Ao conhecer a vida de uma pessoa, compreender aspectos diversos do viver em uma cidade. Sob a ótica de uma história se consegue vislumbrar maneiras de se alimentar, vestir, conviver, trabalhar, divertir e morar em uma cidade. Dentro desta proposta a partir das experiências de uma professora de origem africana, destacar a vida em uma cidade.

“O que a experiência de um indivíduo, de um grupo, de um espaço permite perceber é uma modulação particular da história global. Particular e original, pois o que o ponto de vista micro-histórico oferece à observação não é uma versão atenuada, ou parcial, ou mutilada, de realidades macrosociais: é, e este é o segundo ponto, uma versão diferente.” (REVEL, 1998)

Desviando da história que parte do geral, universal, mas inicia da vivência de uma pessoa comum que exerce uma profissão com suas particularidades, e por ser de origem africana, supera estereótipos no espaço do trabalho. Adotiva Liberato Valentim é uma profissional reconhecida, tanto que, na atualidade seu nome está estampado na fachada de uma escola municipal. Conhecer a cidade através de experiências de vida, o estudo de Jacques Revel (1998), segue a direção da micro história

“Pensar sua própria história pode assim significar um exercício de legitimação para uma comunidade de profissionais, cuja identidade encontra-se fortemente assentada e construída a partir de lugares socialmente definidos de produção desse conhecimento, com suas regras próprias de consagração.” (REVEL, 1998).

De certa maneira, ao estudar a trajetória de Adotiva Liberato Valentim, não apenas se conseguirá vislumbrar a cidade de Florianópolis, mas também os desafios da docência no período, as conquistas dos descendentes de africanos na cidade, entre outros detalhes possíveis.

Bem como a tese de André Luiz Santos, “que pretende descobrir o modo de integração e inserção encontradas pelas camadas pobres ao longo do tempo diante das condições impostas pela sociedade urbana em relação às condições de localização, de habitar na cidade e utilização do espaço urbano” (SANTOS, 2009).

Seguir este propósito e tratar de Florianópolis, partir do local para compreender o global, conhecendo o percurso de Adotiva Liberato Valentim, conhecer as diversas lutas pela sobrevivência digna das populações de origem africana que se destacam na docência em uma cidade em transformação, sob o discurso da modernidade, como muitas cidades do Brasil no início do século XX.

No que diz respeito à História Oral, consideramos uma metodologia fundamental para conseguir colocar em prática o estudo do particular para o geral, em relação a narrativa de uma pessoa comum que exerceu uma profissão onde não temos uma cultura de manter quantidade considerável de documentos escritos. Assim o uso de entrevistas é metodologia para se adentrar em minúcias do cotidiano deste ofício de maneira individual. Segundo Gwyn Prins: “O que a reminiscência pessoal pode proporcionar é uma atualidade e uma riqueza de detalhes que de outra maneira não podem ser encontradas”(PRINS, 1992)

Ainda relacionado à História Oral, ela abre um vasto caminho a ser percorrido, trazendo detalhes que nos documentos escritos nem sempre se consegue adentrar. Neste sentido comenta Alessandro Portelli: “Entrevistas sempre revelam eventos desconhecidos ou aspectos desconhecidos de eventos conhecidos: elas sempre lançam nova luz sobre áreas inexploradas da vida diária das classes não hegemônicas” (PORTELLI, 1981).

Outro autor que conversa com nossa proposta é Stuart Hall, por suas análises nos Estudos Culturais na Universidade de Birmingham (Inglaterra), já que ele em alguns de seus debates teóricos sobre cultura, relaciona este conceito à experiência:

“[...] Em última análise, trata-se de onde e como as pessoas experimentam suas condições de vida, como as definem e a elas respondem o que, para Thompson, vai definir a razão de cada modo de produção ser também uma cultura, e cada luta entre as classes ser sempre uma luta entre modalidades culturais; isto é para Williams, constitui aquilo que, em última instância, a análise cultural deve oferecer. Na “experiência” todas as práticas interagem – ainda que de forma desigual e mutuamente determinante. [...]”(HALL, 2009)

De acordo com o pensamento acima exposto, é importante pensar as práticas cotidianas como complexas, repletas de uma totalidade de experiências vivenciadas individualmente, em diferentes tempos de sua realidade de vida na família onde cresceu, ao tornar-se adulto e formar a sua própria rede familiar junto à suas escolhas ou possibilidades de trabalho. Como toda uma experiência de vida constitui um sujeito e suas subjetividades.

No caso de Adotiva Liberato Valentim por ser descendente de africanos em uma cidade que até pouco tempo possuía uma historiografia voltada à açorianidade, superou todas dificuldades de classe e cor para percorrer uma profissão envolvente no aspecto humano. A docência remete a muitas trocas sociais, institui poder no espaço da sala de aula, fora de sala quando os discentes exigem auxílio extra, junto aos colegas de trabalho que trocam experiências constantes, assim as experiências de vida são múltiplas e de certa maneira enriquecedoras para as populações de origem africana alcançarem igualdade na época.

Novamente, parafraseando Hall,

“[...]Eu sei que o que substitui a invisibilidade é uma espécie de visibilidade cuidadosamente regulada e segregada. Mas simplesmente menosprezá-la desse modo reflete meramente o modelo específico das políticas culturais ao qual continuamos atados, precisamente o jogo da inversão – nosso modelo substituindo o modelo deles, nossas identidades em lugar das suas – a que Antonio Gramsci chamava de cultura como “guerra de manobra” de uma vez por todas, quando, de fato, o único jogo corrente que vale a pena jogar é o das “guerras de posição” culturais”.” (HALL, 2009).

Esperamos estabelecer mais uma possibilidade de visibilidade para as populações de origem africana, em Florianópolis na metade do século XX. Bem como uma proposta de ensino para as relações étnico-raciais no município de Florianópolis, dentre outras pesquisas desenvolvidas no Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História.

No primeiro momento pretendemos estudar a cidade, seguindo a proposta de Jacques REVEL, sobre micro história para perceber detalhes de Florianópolis sob o olhar dos descendentes de africanos. Como foi acontecendo sua ocupação no período delimitado, partindo do pós-abolição, na antiga Desterro, e os discursos que geraram as modificações urbanas, ligadas às políticas de governo locais. O papel dos Movimentos sociais anti racistas na cidade para o estabelecimento de leis que concederam espaço de reivindicações de direitos a estas populações.

Num segundo momento analisar a docência a partir das experiências de Adotiva Liberato Valentim, pensando no ambiente escolar como espaço de mobilidade social às populações de origem africana, percebendo como suas relações irão se transformando a medida em que estes sujeitos vão alcançando respeito e reconhecimento.

Por último, como proposta de intervenção escolar, demonstrar as possibilidades de criar um espaço dentro da escola, que consiga ser um local de rememoração e reflexão da história e experiências das populações de origem africana na cidade, tendo como pano de fundo os resultados da pesquisa sobre a vida e a docência de Adotiva Liberato Valentim, documentos escritos, imagens, transcrições de entrevistas.

Como inspiração para colocar em prática o comentado acima, a professora Dr. Lana Mara de Castro Siman, em Seminário³ apresentou uma experiência realizada em Minas Gerais onde foi produzido o Museu de Quilombos e Favelas com objetos biográficos expostos após a realização de vasta atividade de pesquisa na comunidade, confirmando desta maneira a viabilidade de nossa proposta de intervenção escolar. Pensar em um espaço, que possibilite outros sentidos para além da lembrança de um passado triste de escravidão, e sim um espaço que consiga evocar conquistas, novos sonhos de alegrias e desejos de uma cidade mais justa e diversa.

Com isto trazer uma alternativa a mais para implementar a Matriz Curricular para as relações étnico-raciais do município de Florianópolis. Uma exposição histórica potente para expor um universo amplo de ressignificações das populações de origem africana da cidade, que possa ser ampliado para outras regiões e escolas.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Presidência da República. **Lei 10.639/2003, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília, DF, 10 jan. 2003.

³ Seminário realizado no Colégio de Aplicação da UFSC em 30/05/2017 com palestra da Dr^a Lana Mara de Castro Siman, intitulado: Educar pelo patrimônio cultural: desvelando cidades invisíveis e sensíveis.

CANDOTI, Eliane Aparecida. O ensino de história nos anos iniciais: apontamentos no processo de construção do conhecimento histórico. **História & Ensino**, Londrina, v. 19, n. 2, p. 285-301, jul./dez. 2013.

CLEMÊNCIO, Maria Aparecida. Vestígios da escolarização e profissionalização de professoras afrodescendentes no magistério (Santa Catarina, Século XX). **Revista Intermeio**. Campo Grande, MS. v.19, n.38, p.92-101, jul/dez, 2013.

CRISPIM, Cristine Santiago. **Memórias e olhares**: um estudo sobre experiências de normalistas afrodescendentes de Criciúma (1959-1969). Florianópolis, 2001. 75 f. Monografia (Especialização) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação.

FONSECA, Selva Guimarães. Didática e Prática de Ensino de História. Campinas/SP: Papyrus, 2003.

GOMES, Nilma Lino. **A Trajetória escolar de professoras negras e sua incidência na construção da identidade racial**. Um estudo de caso em uma escola municipal de Belo Horizonte. Belo Horizonte, 1994. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.

HALL, Stuart. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte. Editora UFMG, 2009.

KRAUSS, Juliana de Souza. **Clotildes Lalau**: a trajetória da educadora e militante antirracista na cidade de Criciúma (1957-1987). Florianópolis, 2012. 110 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade do Estado de Santa Catarina.

LOURO, Guacira Lopes. **O Corpo Educado**: Pedagogias da Sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. **Projeto História**: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados e História e do Departamento de História da PUC-SP. n. 14. São Paulo, fev./97.

PRINS, Gwyn. História Oral. In: BURKE, Peter. **A escrita da História**: novas perspectivas. São Paulo: Editora UNESP, 1992.

ROSA, Alberto. Recordar, descrever e explicar o passado. O que, como e para o futuro de quem? In: CARRETERO, Mario; ROSA, Alberto; GONZALEZ, Maria Fernanda. (Orgs.) **Ensino de História e Memória coletiva**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

REVEL, Jacques (Org). **Jogos de escalas**: a experiência da microanálise. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.



SANTOS, André Luiz. **Do mar ao morro**: a geografia da pobreza urbana em Florianópolis. Florianópolis, 2009. 658 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina.

SANTOS, Carina Santiago dos. **A Educação das Relações Étnico-Raciais e o ensino de História na Educação de Jovens e Adultos da Rede Municipal de Florianópolis (2010 – 2015)**. Florianópolis, 2016. 124 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de História) – Universidade do Estado de Santa Catarina.

SILVA, Maria Isabel Pinheiro da. **Negros em movimento**: um estudo sobre as entidades de combate ao racismo na cidade de Florianópolis na década de 80. Florianópolis, 2000. 47 f. Monografia (Especialização) - Universidade do Estado de Santa Catarina.

VARGAS, Karla Andrezza Vieira. **Vozes, Corpos e Saberes do Maciço**: Memórias e Histórias de vida das populações de origem africana em territórios do Maciço do Morro da Cruz/Florianópolis. Florianópolis, 2016. 121 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de História) – Universidade do Estado de Santa Catarina.

ZILLOTTO, Bruno. **Provocações Crônicas**: A construção de um site educativo para repensar a escola, a disciplina de História e as Áfricas. Florianópolis, 2016. 126 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado de Santa Catarina.

